

Ateliê
Pedagógico

4º Bimestre

AULA 1

Gêneros, sexualidades e identidades



© 2024 - Aula baseada em trechos do livro: Sociologia em Movimento

Interseccionalidades: raça, classe e gênero

- A análise das feministas radicais era de que o patriarcado e a dominação masculina colocavam mulheres de culturas e classes sociais diversas em uma mesma situação.
- Existiria, assim, uma “identidade” entre mulheres com base em sua posição nesse sistema de poder: seria possível, portanto, falar em “mulher” e “homem” como categorias universais de referência. Mas, afinal, existem padrões ou estruturas válidas para todas as culturas que permitam falar em uma identidade feminina ou em uma opressão masculina universal?
- As mulheres passam pelas mesmas experiências de violência e são igualmente subjugadas apenas por serem mulheres?

heteronormatividade

Conceito ou ideologia de que somente relacionamentos heterossexuais (entre pessoas de sexos opostos) são normais ou corretos, sendo que o homem e a (...)

Perspectiva que exclui ou marginaliza as orientações sexuais que se diferem da heterossexual.

DICIO
COMTECH

Heteronormativo

Esse termo marca o padrão de comportamento heterossexual, indicando que as orientações sexuais diferentes das heterossexuais são discriminadas, considerando, dessa forma, a opção de heterossexualidade como o padrão para toda a sociedade e pautando como “normalidade” a dualidade entre macho e fêmea

As feministas negras x o feminismo heteronormativo branco



Angela Davis

A professora e filósofa socialista é autora do livro "Mulheres, Raça e Classe", uma obra fundamental para compreender a sociedade do passado e também a atual a partir de opressões de gênero, raça e classe.

- As análises e teorias do feminismo, embora criticassem o "essencialismo" biológico da definição homem e mulher, também estavam limitadas por não considerarem a interdependência das relações de poder que perpassam as diferenças de raça, de sexo e de classe.
- Foram **as feministas negras** que, no final da década de 1970, criticaram radicalmente o feminismo branco, de classe média e heteronormativo.
- Em contraponto, as lutas sociais deveriam considerar as diferentes identidades, as interseções de raça, de gênero, de classe e de sexualidades.
- Nesse momento, surgiram rupturas importantes nas teorias feministas, dando origem a diversas vertentes:
 - para além do chamado feminismo radical, de origem europeia, nos Estados Unidos desenvolveu-se o feminismo socialista, o feminismo negro e, mais tardiamente, o transfeminismo; nos países periféricos, o feminismo pós-colonial.

A Interseccionalidade = gênero + raça + classe + orientação sexual



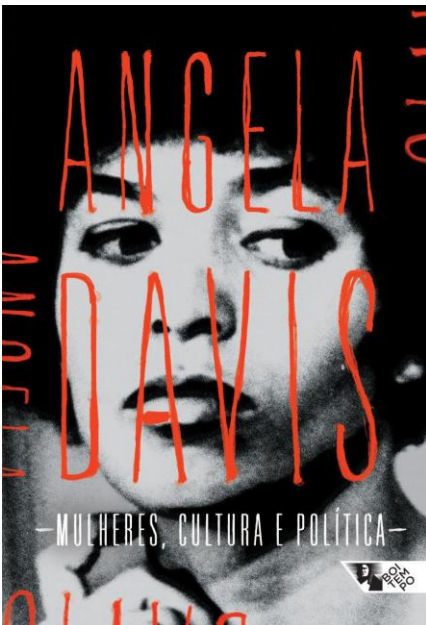
- Essas novas vertentes indicavam que as experiências de opressão se davam de formas diferentes em virtude também de fatores como raça e classe. Surgiu, então, o enfoque da interseccionalidade.
- O enfoque da interseccionalidade percebe as diferenças de gênero, raça, classe e orientação sexual de forma integrada → considerando **suas interações na realidade social e tendo a preocupação de não hierarquizar as diversas formas de opressão**.
- Analisar as diferenças entre homens e mulheres, por exemplo, mostrou-se insuficiente por não se observarem as diversidades específicas que existem entre homens brancos e negros e mulheres brancas e negras. Enquanto **o feminismo branco e ocidental** – expressão que as feministas negras e do terceiro mundo usavam para qualificar o feminismo produzido na Europa – **ressaltava que os espaços públicos tinham sido dominados pelos homens e os espaços domésticos deixados às mulheres, desvalorizando-os**, o feminismo negro perguntava: no espaço doméstico não há ainda a hierarquia da mulher branca que paga à mulher negra ou à imigrante para servi-la?

bell hooks – a emancipação da mulher branca

- A escritora e feminista negra estadunidense bell hooks argumenta que as mulheres brancas e de classes mais altas confinaram-se no espaço doméstico como uma forma de recusa à execução de trabalhos normalmente realizados por mulheres negras e de classes populares.
- Ela destaca ainda que a emancipação de mulheres brancas ocidentais esteve atrelada à subordinação da massa de mulheres de países em desenvolvimento.
- Um exemplo dessa fala é a necessidade de usar o trabalho de mulheres negras como domésticas e em funções de cuidado como condição para que mulheres brancas e de classes privilegiadas possam ter sua liberdade de trabalhar fora de casa.



bell hooks e Angela Davis



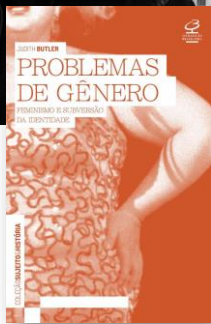
- Em vez de seu nome original (Gloria Jean Watkins), usou o **pseudônimo bell hooks**, grafado com letras minúsculas, com o objetivo de reforçar o conteúdo de suas obras em detrimento da autoria.
- As críticas de **bell hooks** devem muito a outra escritora negra estadunidense, **Angela Davis** (1944-), que fez parte do grupo **Panteras Negras**, movimento de orientação socialista em defesa dos direitos dos negros.
- **Feminista e socialista**, Davis escreveu um dos livros que mais chamaram a atenção para a condição específica da mulher negra, geralmente renegada nos próprios movimentos feministas, como o das sufragistas.
- A filósofa, no entanto, acredita que algumas situações aproximaram as mulheres negras das brancas, como a luta pela educação.

Lélia Gonzalez e a questão racial como parte do sistema de opressão

- A contribuição da socióloga brasileira Lélia Gonzalez também enriquece o debate sobre interseccionalidade, fundamentando-se no lugar e nas experiências da mulher afro-americana, chamada por ela de “amefricana”.
- A socióloga apontou os limites do conceito de patriarcado, que, embora seja importante para explicar a dominação masculina, não inclui a questão racial como parte do sistema de opressões que coloca em um lugar específico a mulher negra.
- Lélia também contempla em suas análises a mulher indígena, que se encontra em situação análoga à das mulheres negras no sistema colonial capitalista e patriarcal.



Identidade de gênero: sua instabilidade



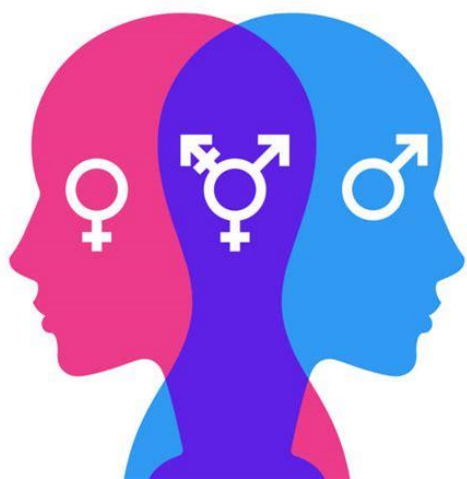
- A teoria da Performatividade, da filósofa estadunidense Judith Butler, pressupõe que a distinção entre o sexo/biológico e o gênero/cultural, algo tão fundamental para o discurso feminista, é também uma construção cultural. Ou seja, ela discute a ideia de que o gênero e a sexualidade derivam de um sexo determinado.
- O “destino anatômico”, para Butler, em nada determina nossos comportamentos: na verdade, é pela repetição, pela performatividade, que naturalizamos uma identidade de gênero.
- Ao ouvir repetidamente frases do tipo “você não deve fazer isso, pois é menina(o)”, a criança vai, aos poucos, assumindo essa identidade. Ao ser estimulada a usar roupas como saias, vestidos e laços, ela vai naturalizando uma identidade dita “feminina”; ou, ao contrário, ao ser estimulada a usar roupas de tons neutros, a ter comportamentos mais sérios e dominantes, naturaliza uma identidade “masculina”.

Butler, Foucault e a teoria Queer – a identidade móvel!

- Os estudos de Judith Butler e Michel Foucault influenciaram um novo campo de estudos chamado “teoria Queer”. Essas teorias defendem a ideia de que a lógica binária (homem x mulher) e heterossexual (homem → outros gêneros) seria reguladora dos comportamentos em relação ao sexo/gênero em sociedades ocidentais.
- No entanto, é importante atentar para a instabilidade das relações sociais reguladas por esses padrões, que podem e são, em geral, subvertidos pelas crianças, ainda não plenamente autorreguladas em seus comportamentos. Por isso, observamos os tutores da criança (pai, mãe, avós ou outros) insistirem para que elas “aprendam” qual é seu papel de gênero, reproduzindo atitudes e palavras para se referir a si mesmas como “meninas” ou “meninos”. Ao mesmo tempo que a repetição tenta fixar identidades e comportamentos, ela nunca é a mesma: sempre adiciona algo de próprio, de subjetivo. **Portanto, fale-se de uma descontinuidade ou de um deslizamento no processo de “generificação” do corpo, permitindo um espaço para o questionamento dessas normas.**



Os componentes socioculturais e os papéis de gênero



- As Ciências Sociais, juntamente com segmentos mais restritos da Medicina e da Psicologia, superaram a concepção de que a sexualidade humana é definida por elementos fisiológicos, bioquímicos e hormonais, entendendo-se que componentes socioculturais também são relevantes, na definição dos papéis sociais de gênero.
- A imagem a seguir mostra algumas das variações contemporaneamente associadas ao gênero, à sexualidade e mesmo ao sexo biológico. Reconhece-se que há diferentes possibilidades de orientação afetivo-sexual, e que, além disso, a cada cultura, em diferentes tempos históricos, correspondem expressões de gênero específicas; legitimam-se ou negam-se orientações afetivo-sexuais; atribuem-se identidades de gênero e papéis sociais específicos a seus integrantes.

Sexo biológico e identidade, orientação e expressão de gênero

A ilustração apresenta, sinteticamente, quatro elementos que podem ser vivenciados de maneiras diferentes, transcendendo a antiga categorização binária e superando a heteronormatividade. Sexo biológico, identidade de gênero, orientação afetivo-sexual e expressão de gênero podem combinar-se de formas variadas, constituindo múltiplos modos de composição identitária de uma pessoa.



As novas categorias para gênero e sexualidade

- Novas categorias emergem para nomear elementos relacionados ao gênero e à sexualidade. Quanto ao sexo biológico (dados hormonais, cromossomos e órgãos genitais) original de cada pessoa, empregam-se os termos sexo feminino/fêmea (para pessoas dotadas de vagina), intersexual (para aquelas dotadas de genitália ambígua) ou sexo masculino/macho (para indivíduos dotados de pênis).
- Já a identidade de gênero está associada ao que é considerado individualmente como mulher, homem ou transgênero/transsexual (termos que definem as pessoas que não se identificam com o sexo de nascimento). Nesse caso, chama-se mulher transgênero/mulher transexual aquela pessoa que se identifica com o gênero feminino e reivindica o reconhecimento como mulher (mas que não nasceu com o sexo feminino). Do mesmo modo, chama-se homem transgênero/homem transexual aquela pessoa que se identifica com o gênero masculino e reivindica o reconhecimento como homem (mas que não nasceu com o sexo masculino).



- Quando há a associação entre a identidade de gênero e o sexo biológico de nascimento de uma pessoa, adota-se o termo cisgênero (homem cisgênero ou mulher cisgênero) – ou cissexual – para desnaturalizar a própria noção de sexo e gênero feminino/masculino.
- Outro elemento a ser considerado como definidor da identidade é o conjunto de expressões de gênero, que caracterizam comportamentos femininos, masculinos ou andróginos socialmente associados a expressões físicas, atitudes, vestimentas e modos de interação.

lgbtqiapn+: O 'i' é de intersexo!



Karen Bachini se assume intersexo e revela descoberta. Saiba o que é!

Contra o preconceito: O Dia da visibilidade intersexo!



ARP13: "As Ramirez perguntam" para Amiel Vieira - Visibilidade Intersexo

Jordan e a explicação biológica dos tipos de intersexo



[Como é a biologia dos genitais de uma pessoa intersexo? | Eterna Busca](#)